

# ESPIRITUALIDADE DE TRAVESSIA

Werner Fuchs

## **A outra margem**

Aparentemente profundo, mas profundamente simplório, é o pensamento de que o horizonte, que a cada passo se afasta um passo, serve para nos manter caminhando. Ignora a experiência libertadora de arrancar de uma margem e rumar para outro mundo possível. Possível não como mero fruto do acaso, mas possível enquanto viável e factível, enquanto fruto do esforço de chegar lá. Nessa travessia também se descortinam novas paisagens e surpreendentes transformações da parte de Deus, como aquele velho agricultor do Rio Grande do Sul que desde 1964 sonhava ter a sua terrinha. Mas em seu sonho nunca apareceu o Movimento dos Sem-Terra. Encontrou-se com ele só no Paraná, vinte e tantos anos mais tarde, possibilitando-lhe a conquista de um pedaço de chão e abrindo-lhe os olhos para uma luta mais ampla, rumo ao socialismo. Contudo, a luta pelo novo e alternativo, muitas vezes, desfocaliza o processo de transição em si. Há diferenças qualitativas entre conquistar o novo espaço e organizar a vida de acordo.

Divulgado pela CNBB no material da Campanha da Fraternidade 2002, o mito da “Terra sem Males” impactou-nos de estonteante sobriedade. Para o uso inadvertido que dela fazemos no afã de chegar à nova sociedade é incômodo descobrir que essa terra fica longe da terra, nas nuvens, que Guiraypoty e sua família encontram a *Yvy marã ei* (a terra sem males) “à porta do céu”, um lugar em que “as plantas nascem por si próprias, a mandioca já vem transformada em farinha e a caça chega morta aos pés dos caçadores. As pessoas nesse lugar não envelhecem nem morrem, e aí não há sofrimento.” Terá sido isso que almejamos, e naquelas alturas? E mais: Chegaram lá, após andanças, somente porque dançavam e porque, quando as turbulentas águas subiam acima do telhado, a mulher falou a Guiraypoty: “Se tens medo, meu pai, abre teus braços para que os pássaros que estão passando possam pousar. Se eles sentarem no teu corpo, pede para nos levar para o alto.” E ainda porque a mulher continuou a bater ritmadamente a taquara, e Guiraypoty, então, entoou o *nheengarai*, o canto solene guarani.

Em Êxodo 3,7s Javé se revelou a Moisés, dizendo: “Eu vi, vi a opressão de meu povo no Egito e ouvi-o clamar sob os golpes dos chefes de corvéia. Sim, eu conheço seus sofrimentos. Desci para libertá-lo da mão dos egípcios e fazê-lo subir para uma terra boa e vasta, uma terra que mana leite e mel, para o lugar dos cananeus, dos heteus, dos amorreus, dos ferezeus, dos heveus e dos jebuseus.” Brincando, podemos dizer que Javé se esqueceu de advertir Moisés de que o caminho seria tão árduo e tão demorado, de quarenta anos no deserto sem mudança de cardápio (Ex 16,35), até que o povo chegasse a essa “terra boa e vasta que mana leite e mel”. Que ainda demoraria mais de

um século, depois da travessia do rio, depois de “beber na torrente e reerguer a cabeça” (Sl 110,7), do ribeiro Arnon até o monte Hermon (Js 12,1), para que se apossassem em definitivo da terra “dos cananeus, dos heteus, dos amorreus, dos ferezeus, dos heveus e dos jebuseus”, comparativamente pequena. Qual teria sido a reação de Moisés com uma advertência dessas? Certo é que a distância física não o fez desistir da luta. Como seria com a distância cronológica? Além da experiência libertadora inicial, a convicção da presença constante de Javé na caminhada deve ter sido decisiva, assim como é imprescindível a presença de Cristo entre seu povo “até a consumação dos tempos” (Mt 28,20). Uma coisa era enfrentar o faraó, outra, caminhar com um povo volúvel e contraditório diante das vicissitudes da travessia, diante do conflito ou da acomodação, que, no entanto, obrigam a permanecer com os pés no chão. Na retrospectiva, como fazem as diversas releituras no próprio texto bíblico, cabe auscultar a dinâmica e sondar as fontes da espiritualidade antes e após a conquista.

### **Protagonismo em situações distintas**

*Conforme a palavra de Moisés, Hebron foi dada a Caleb, que dela despossou os três filhos de Enac. De lá, Judá marchou contra os habitantes de Dabir – o nome de Dabir era antes Cariat-Sefer. Caleb disse: “Aquele que ferir Cariat-Sefer e dela se apossar, eu lhe darei por mulher minha filha Acsa.” Otoniel, filho de Cenez, o irmão mais novo de Caleb, tomou a cidade, e Caleb lhe deu por mulher sua filha Acsa.*

*Ora, desde a sua chegada, ela o incitou a pedir a seu pai um campo. Ela desceu de seu jumento, e Caleb lhe disse: “Que queres?” Ela lhe disse: “Faz-me um favor. Já que me deste uma terra no Negueb, dá-me também reservatórios de água.” E Caleb deu-lhe os reservatórios de cima e os reservatórios de baixo (Jz 1,20.11-15 – seqüência de versículos recomendada por exegetas)*

Em pequenos grupos identificamos lugares, atores e ações, com complementações em plenário, numa construção conjunta. a) Lugares: Hebron, cidade nas cercanias do monte do mesmo nome, habitada pelos gigantes, descendentes de Enac (Nm 13,22-33), e situada no sul da região destinada à tribo de Judá (cf. Js 15,13s); Debir, ou Cariat-Sefer, cidade cananéia a sudeste de Hebron, à margem do deserto do Negueb; reservatórios de cima e de baixo, traduzidos também como “pântanos” ou “fontes”, de localização ignorada, mas provavelmente nas bordas do deserto. b) Atores: Caleb, um dos espíões enviados por Moisés para conhecer a terra prometida (Nm 13), da tribo de Judá e, na época, provavelmente seu líder mais importante; Otoniel, filho de Cenez, irmão mais novo de Caleb, portanto, sobrinho de Caleb, posteriormente um dos grandes juizes do povo de Israel (Jz 3,9-11); Acsa, filha de Caleb e, portanto, prima de Otoniel. c) Ações: Caleb conquista a cidade de Hebron, expulsando seus moradores. A tribo de Judá avança lentamente em direção a Debir. Caleb promete a posse dessa cidade (e re-

gião) a quem a conquistar. Também lhe promete sua filha Acsa em casamento. Otoniel lidera o grupo ou clã que derrota a cidade, e se casa com Acsa. Esta insiste com ele para requerer terras melhores junto a Caleb. Ela própria acaba indo a seu pai, solicitando terra que tenha água. Desce do jumento, um ato inusitado, surpreendente, provavelmente humilde, ou diplomático (cf. mais tarde Abigail, em 1Sm 25,14-22). Caleb ouve atentamente sua queixa e reivindicação, concedendo-lhe duas áreas com mananciais.

Caleb está satisfeito com a conquista de Hebron. Deixa novas conquistas por conta de outros, mais jovens. Otoniel é bom para liderar seu clã na luta contra inimigos e conquistar a cidade dos cananeus, porém é lerdo para encarar o sogro. Certamente Debir não teria sido construída sem que houvesse ali uma fonte, mas esta deve ter sido insuficiente para o desenvolvimento da comunidade de Otoniel e Acsa. Mesmo depois de a esposa insistir, aquele lutador vitorioso contra os cananeus não se levanta para encaminhar um pleito justo ao parente e líder de sua própria tribo. Por que Otoniel se conforma com a precariedade de suas terras? Apenas podemos imaginar as razões. Mas evidentemente a “luta” é outra. Quem toma a iniciativa para reivindicar terras melhores é a esposa, Acsa. Primeiro pressiona o marido (afinal, mulher não devia se meter nesses assuntos). Depois se dirige com a reivindicação ao pai. Desvia-nos do foco especular sobre a harmonia conjugal, ou, diante do fato de Otoniel posteriormente se tornar juiz, líder popular de Israel, repetir o chavão: “Por trás de um grande homem sempre tem uma grande mulher...” Importante é notar que a situação é diferente. Uma coisa é o protagonismo para conquistar um novo espaço, outra é a vida cotidiana nesse novo chão. Uma coisa é combater e derrotar adversários políticos em nome de uma proposta popular, contrária às elites, outra é conviver com os companheiros eleitos e, quando as mudanças não acontecem, reivindicar coerência e rapidez dos ex-colégas de palanque. Na segunda situação, há fatores inibidores, como o medo da divisão interna, dando brechas à incursão do adversário comum. Na comparação com a situação anterior, de privação total, de falta de liberdade, cidadania e poder, facilmente se reduz o nível de expectativa e vigilância. Ao se satisfazer com determinado avanço, do qual é protagonista, o novo dirigente fica surdo para as insatisfações daqueles que sentem poucas transformações no dia-a-dia. No caso de Otoniel, pode até mesmo ser que o sogro tivesse deixado bem claro que a terra distribuída representava tudo o que era possível fazer no momento. Ou seja, um suposto “realismo” proíbe sonhar e agir para além dos limites já estabelecidos. A luta parlamentar e eleitoral, por cargos executivos, obstrui a visão para a importância de ações permanentes e surpreendentes na sociedade civil, transversais aos esquemas de poder.

Acsa denota sensibilidade para o cotidiano, para a vida e sua reprodução. Não se conforma com as dificuldades e com a inércia do marido. Vence numerosas e poderosas inibições, a divisão de tarefas: o homem constrói ou defende o poço como lugar estratégico, mas a mulher carrega a água, dá banho nas crianças, prepara o alimento. Vence as convenções sociais: mulher não interfere em determinados assuntos... Em vista da necessidade concreta da comunidade, do povo, ela se torna insistente e criativa. Reivindica terras com mananciais para produzir e, embora incapaz de mobilizar o marido, descobre maneiras de sensibilizar o velho pai, nem que seja por meio de atitu-

des inusitadas, como chamar atenção, humilhar-se. Na confrontação diferente, entre companheiros, o protagonismo é outro, embora não deixe de ser eficaz. Ser sensível com a vida e saber-se participante de uma caminhada de libertação iniciada pelo Deus da vida constituem uma só motivação espiritual para não aceitar argumentos conformistas e inibições.

### **Riqueza de impulsos**

Bastante esquecido pelos exegetas como obra teológica, o livro de Juízes descreve o tempo entre a entrada das tribos de Israel na terra de Canaã e o início do reinado. O “registro negativo de propriedade” (A. Alt) em Jz 1,27-36 (cf. 3,1-6) traz uma lista de territórios que os israelitas não conseguiram ocupar. Porém, o relato vem mesclado com justificativas teológicas, de época bem posterior, para esse fato contraditório e angustiante. Afinal, conquistaram a terra prometida, ou não? Por que Javé permitiu durante longas décadas a presença ameaçadora de cananeus em meio às tribos? O esquema teológico aparece mais claramente em Jz 2,20-23: Israel se afasta de Javé (idolatria), é assediado por inimigos, e no aperto extremo Javé convoca um juiz (*shofet*) que salva o povo. No livro, porém, ocorre uma variedade de posições políticas, a favor e contra o reinado. Independente das diversas teorias quanto à composição, o livro motiva para reflexões atuais em situações de transição e inovação política, com altos e baixos, de crises e tempos de paz. Destaca-se o agir de Javé na história, revertendo tempos de crise em benefício do povo. Daí a crítica às idolatrias, contrárias a Javé, por expressarem ambições de poder pessoal, indigno, que distanciam de Javé.

Entre outras, a crítica à ambição do poder é expressa de forma genial na sátira política da fábula de Joatã (Jz 9,7-15). A ênfase geralmente é vista no fato de que as árvores nobres não consideraram importante e prioritário assumir cargo político, de modo que sobrou para o inútil espinheiro, que ironicamente oferece às demais abrigo sob sua sombra. Contudo, a frase final abre um clarão completamente diferente para a luta política: “Se não for assim, um fogo sairá do espinheiro e devorará os cedros do Líbano.” Ora, por causa de seu vigor e da qualidade de sua seiva, o cedro do Líbano não tolera parasitas. Não se dobra. É incorruptível. A única solução que resta para os espinheiros no poder é “queimá-lo”. Assim, são obrigados a revelar publicamente que são maus e acabam desacreditados. Na travessia para a nova sociedade, precisamos dessa seiva espiritual, precisamos ser “cedros do Líbano” (cf. 1Pd 2,2)!

“Teu povo, sim, todos eles, serão justos, para sempre eles herdarão a terra, eles, estaca das minhas plantações, obra de minhas mãos, destinados a manifestar o meu resplendor” (Is 60,21).

*Werner Fuchs*